

'Nós não vamos lotear a saúde pública'

ELAINE RODRIGUES e
PAULO SÉRGIO MARQUEIRO

O projeto de reunir num livro os 40 anos de experiência em cirurgia vascular teve de ser adiado para depois de 1998. Nos próximos quatro anos, o cirurgião vascular Antonio Luiz de Medina, de 66 anos, estará empenhado em tratar de uma das maiores mazelas da administração estadual: a saúde. Membro da Academia Nacional de Medicina e médico particular

de Marcello Alencar há quase 20 anos, o futuro secretário de Saúde não parece assustado com o desafio que lhe foi dado pelo governador eleito. Medina, que trabalhou como chefe de cirurgia vascular do Instituto de Assistência aos Servidores do Estado (Iaserj) por 25 anos, assumirá uma secretaria debilitada pela falta de recursos e por denúncias de corrupção.

— Nós não vamos lotear a saúde. Eu estou jogando o prestígio do meu nome na moralização da saúde do Rio — promete.

Esse é o segundo desafio que Marcello faz a Medina. O primeiro foi há cerca de dez anos. Medina tinha de convencer Marcello, na época prefeito do Rio, a largar os cinco maços de cigarro que ele fumava diariamente.

— Um dia eu disse a ele: eu te trato, mas se você não parar de fumar, eu venho aqui e corto as suas pernas. Ele foi para casa, fumou cinco maços de cigarro e depois nunca mais — conta.

Medina sabe que o seu tempo será total-

mente absorvido pela nova missão, mas não reclama. O cirurgião, que é professor da PUC e mantém um consultório particular em Botafogo, costuma aliviar a tensão em caminhadas pela areia da Praia do Leblon. Mas ele afirma que o seu maior lazer é a medicina.

— Eu tinha um sítio em Araras, mas as pessoas iam lá me buscar para operar. Acabei vendendo. Não sou homem de sair à noite, não gosto de dirigir. O meu hobby é mesmo a medicina — diz o futuro secretário.

O GLOBO — Que medidas o senhor pretende tomar de imediato?

ANTONIO LUIZ DE MEDINA

— Vamos fazer uma administração voltada para a população que mais precisa de tratamento. Por isso pretendemos concentrar os esforços na Baixada e na Zona Oeste, porque, se resolvermos os problemas de lá, os hospitais daqui ficarão desafogados.

O GLOBO — Quando Marcello foi prefeito, ele resistiu à municipalização. Ele pretende realmente implantar o SUS ou isso não será prioridade?

MEDINA — Não, nós vamos implantar o SUS. O que não podemos é municipalizar os hospitais do jeito que estão. Temos que preparar a estrutura. É nossa intenção, por exemplo, reativar o Hospital da Posse, em Nova Iguaçu, junto com o Governo federal e o município. Depois nós vamos cuidar das emergências do Getúlio Vargas, do Carlos Chagas, do Rocha Faria e do Pedro II. São hospitais importantes que vão poupar o município.

O GLOBO — Uma das críticas feitas à atual gestão é o lotea-

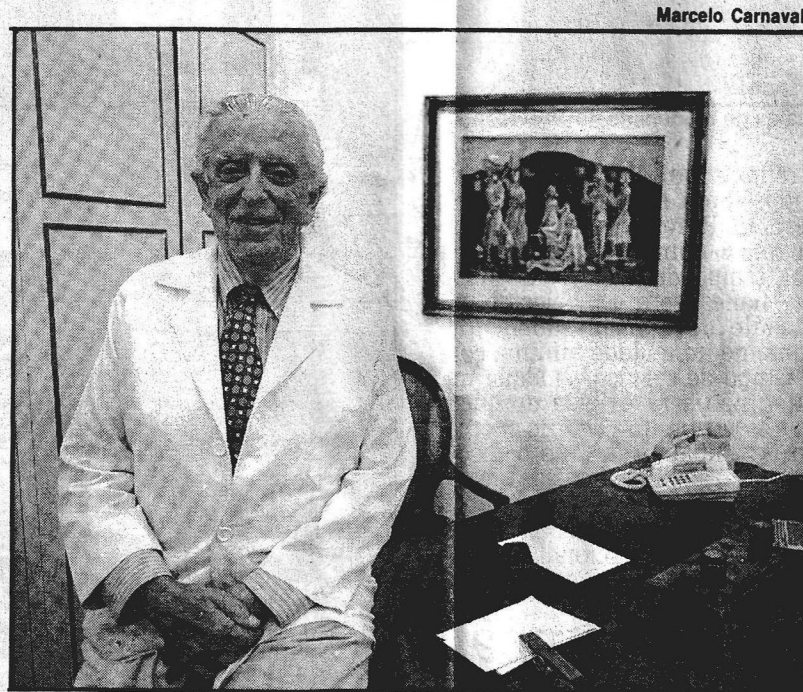
'Pretendemos concentrar os esforços na Zona Oeste e Baixada,'

mento da saúde. O que fazer para acabar com isso?

MEDINA — Nós não vamos lotear a saúde. Eu estou jogando o prestígio do meu nome na moralização da saúde pública do Rio. Acho que os obstáculos serão transpostos e tenho fé em que o governador me dará todo o apoio, não só do ponto de vista econômico e financeiro, mas também de moralização.

O GLOBO — A Secretaria de Saúde esteve mergulhada em escândalos nos últimos anos. O senhor pretende denunciar os responsáveis por isso?

MEDINA — Se alguém infringir a lei, a lei terá de ser cumprida. Podem me cobrar. O grande desencanto nesse país é não poder ir adiante nas coisas.



O GLOBO — O atual Governo destina menos de 2% do orçamento para a saúde. O novo Governo vai mudar isso?

MEDINA — Eu tenho certeza de que o governador vai modificar isso. Ele sabe que a saúde para ele é uma questão emergencial.

O GLOBO — Os profissionais

de saúde estão em greve há oito meses. Eles se queixam de que os salários estão muito baixos. O senhor já conversou sobre isso com o governador?

MEDINA — Primeiro o governador tem que ter o panorama do funcionalismo, mas tenho certeza de que ele vai olhar com muito carinho para os profissio-

'Se a terceirização tiver custo igual ou menor, poderá ser implantada,'

nais de saúde. E fundamental melhorar os salários e também as condições de trabalho.

O GLOBO — O novo Governo tem intenção de mudar o sistema de compras de medicamentos adotado pelo estado?

MEDINA — Nós já fizemos o levantamento de todos os preços mínimos, em todas as áreas, para termos uma noção do preço básico. E a nossa tendência será comprar o mais barato possível.

O GLOBO — O que pretende fazer com o Iaserj?

MEDINA — Eu fui chefe do Iaserj durante 25 anos. Conheço bem aquela casa. O Iaserj será de novo a estrutura de ponta que era no passado. Nós chegamos a operar lá com circuito fechado de TV. Só que o Iaserj,

apesar de ligado à Secretaria de Saúde, não tem tido o gerenciamento da Secretaria de Saúde. O secretário nunca sabe do Iaserj. Mas eu vou saber. Ele ficará sob minha responsabilidade.

O GLOBO — O Governo Marcello Alencar tem planos para terceirizar setores da saúde?

MEDINA — Nós estamos fazendo uma análise de custos. Se a terceirização tiver um custo igual ou menor, ela poderá ser implantada. Vou dar um exemplo: quando a ampola de raios-X quebra, ela precisa ser substituída. Você tem que fazer uma licitação que leva três meses e o aparelho fica parado. Se você fizer a terceirização também da utilização, o rendimento daquele aparelho será muito maior.

O GLOBO — A vigilância epidemiológica e a vigilância sanitária funcionam precariamente. O que o futuro governo fará nesse setor?

MEDINA — Nós vamos avaliar o que existe e mudar todas as formas de procedimento se for necessário. A idoneidade de uma secretaria depende da idoneidade de todas essas estruturas.